



GT – 14: Mobilidade, migração e espaço urbano

O TRABALHO DE CAMPO COM IMIGRANTES NA CIDADE:

Relato de experiência e análise sobre a presença haitiana em Andradas (MG) no período atual¹

Gil Carlos Silveira Porto

Docente do curso de graduação e pós-graduação em Geografia da Unifal-MG

E-mail: porto.gil@gmail.com

RESUMO: O trabalho de campo é, em geral, etapa considerável no desenvolvimento da pesquisa geográfica. Seu desenvolvimento envolve a prática de diferentes técnicas de pesquisa. O presente artigo tem por fim descrever parte do contexto em que se deu a realização do trabalho de campo com imigrantes haitianos e haitianas que residem na cidade de Andradas (MG), focando nas situações vivenciadas pelo pesquisador durante a busca por esses colaboradores e aplicação de questionários e realização de entrevistas. Constatou-se que o contexto no qual se deu a pesquisa de campo auxilia no conhecimento do fenômeno estudado. Ficou evidente que o fenômeno da migração haitiana em Andradas tem passado por mudanças significativas em função da saída desses imigrantes da cidade. Os que nela permanecem continuam usando o território citadino de maneira resistente às adversidades encontradas desde que ali se instalaram.

Palavras-chave: observação, migração, uso do território

¹ Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). Edital 001/2018 (Demanda Universal) - Processo N° APQ-02225-18.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho de campo e o processo de observação e descrição da terra, e da ação humana sobre ela, sempre estiveram embutidos na formação e na sistematização da Geografia enquanto ciência. Essas práticas continuam sendo experiências consideráveis na análise geográfica hodierna, embora esses procedimentos normalmente sejam realizados tendo-se em vista os objetivos da pesquisa. De uma maneira geral, considera-se o trabalho de campo como sendo um grupo de atividades investigativas realizadas fora do ambiente acadêmico, como a prática da observação, a aplicação de questionários, a realização de entrevistas e grupos focais, entre outras.

A pesquisa de campo também pode ser útil na explicação do fenômeno migratório e tem sido realizada por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, sendo, portanto, uma forma de conhecer dimensões das migrações em estudo. O presente escrito intenta apresentar uma experiência de trabalho de campo realizada na cidade de Andradas (MG) (Figura 1) em 2020 e 2023, onde se buscou explicar algumas formas de uso do território pela comunidade haitiana, que ali começou a se fixar há cerca de dez anos. A experiência a ser descrita e explicada refere-se à observação de fragmentos do cotidiano de integrantes dessa comunidade durante uma estada de cinco dias, não contínuos, na cidade.

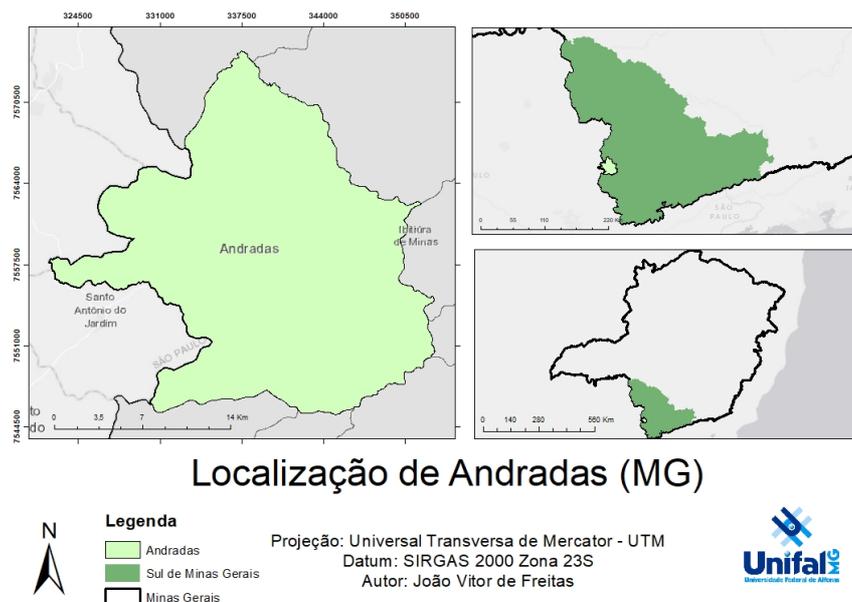


Figura 1: Localização do município de Andradas (MG).

Fonte: Freitas e Porto, 2021.

Conforme escreveu Santos, (2006), a descrição e a explicação são processos que não se separam na investigação socioespacial, sendo etapas cruciais na elaboração de um sistema de ideias geográficas. Assim, buscamos, por meio da elaboração deste texto, contribuir para alimentar a continuidade da pesquisa no campo da Geografia da População, tendo por recorte analítico a cidade nos países periféricos, seus objetos, os agentes que dela fazem uso e suas ações, sobretudo aqui, considerando o modo de vida dos imigrantes.

Este texto está estruturado em três partes principais. Inicialmente apresentamos uma breve análise sobre o trabalho de campo na Geografia e a observação como sendo uma das técnicas que o envolvem. Em seguida, descrevemos experiências de busca de colaboradores dessa comunidade, bem como de convívio com dois de seus membros durante aplicação de questionários e realização de entrevistas. Para finalizar, discutimos o que estamos qualificando como sendo uma primeira interpretação da presença haitiana em Andradas (MG), considerando, mormente, o contexto (observação e diálogos informais com moradores locais e imigrantes) onde questionários foram aplicados, entrevistas realizadas e as informações obtidas com esses instrumentos.

2. O TRABALHO DE CAMPO E A OBSERVAÇÃO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho de campo se configura como qualquer atividade investigativa realizada fora do ambiente universitário que possibilita o contato com os fenômenos do mundo real. Desse modo, possibilita ao investigador a interação com objetos, com ações e com os sujeitos da pesquisa que compõem o espaço geográfico estudado. No entanto, a pesquisa de campo não pode ser realizada sem a articulação entre método e teoria para que não se torne banal (Alentejano e Rocha-Leão, 2006). Essa experiência de pesquisa desenvolvida por geógrafos e geógrafas não se configura apenas como uma prática de coleta de informações, mas precisa ser entendida, também, como um processo de reflexão durante a investigação científica, onde a vivência partilhada com os colaboradores possibilite entender a realidade socioespacial e propor soluções para problemas diversos (Souza e Pessôa, 2016).

Outra questão de destaque quanto à pesquisa de campo refere-se à sua relação com a teoria. A atividade científica prática, desenvolvida de maneira descolada de uma teoria, de uma revisão da literatura sobre o tema estudado, bem como de um caminho metodológico

definido e sem a operacionalização de categorias e conceitos próprios da Geografia, compromete a interpretação da realidade a partir da ciência. Ou seja, o trabalho de campo por si só não é suficiente para a produção do conhecimento científico geográfico; há necessidade, também, de o pesquisador entrar em contato com a dimensão teórica da pesquisa, uma vez que “teoria e trabalho de campo são dois lados da mesma moeda” (Serpa, 2006, p. 10).

Se por um lado, na investigação científica, a análise das informações obtidas em campo precisam ser feitas considerando-se a teoria, por outro a discussão teórica sobre determinado tema e fenômeno pode ser pobre sem o trabalho de campo. Como escreve Kayser (2006), o conhecimento de um fenômeno somente pode alcançar sucesso se com ele o pesquisador mantiver contato. Daí a importância do trabalho de campo para a realização da pesquisa na Geografia, ciência que desde o começo de sua sistematização teve a superfície terrestre, e os eventos que nela ocorrem, como objeto de estudo. Voltamos a afirmar que a realização do trabalho de campo será parte crucial da pesquisa considerando-se os objetivos dela. No caso aqui em pauta, situações vivenciadas com haitianos e haitianas em Andradas (MG) foram condições necessárias para a construção de um conhecimento inicial sobre a presença de imigrantes caribenhos no sul de Minas Gerais no período atual.

A observação, seja ela participante ou não, é uma das atividades que envolve a realização do trabalho de campo. Sua prática abarca a utilização dos sentidos para se conhecer a realidade e, por isso, também, posiciona o pesquisador em contato com a aparência do fenômeno estudado, buscando explicar o que está para além da aparência (Silva e Mendes, 2016), o que está para além dos objetos geográficos e das ações dos sujeitos que dão vida a esses objetos. Ainda de acordo com os autores citados, a observação auxilia os geógrafos e as geógrafas na “compreensão de fatos e contextos” (p. 217).

Considerando-se os elementos do trabalho de campo e da observação acima apresentados, na sequência descreveremos algumas das experiências vivenciadas durante estada na cidade de Andradas (MG) para realização do primeiro, planejado durante a elaboração do projeto de pesquisa. Essas experiências não serão apresentadas cronologicamente, mas segundo uma sequência temática e de conteúdo previamente programada. Foram observadas ações individuais e coletivas de imigrantes haitianos de diferentes idades, gênero, ocupações e tempo de residência na cidade. Entre eles citamos

adultos, jovens, crianças, homens, mulheres, lideranças religiosas, donas de casa, trabalhadores não registrados, entre outros.

As situações vivenciadas foram: a de chegada à cidade para a realização da pesquisa, a busca de colaboradores para participarem do questionário e da entrevista, que abarca a maior parte dos relatos citados abaixo, e por fim a circunstância de utilização desses instrumentos na igreja evangélica haitiana e num hotel local com integrantes da comunidade residente em Andradas. Os locais previamente listados antes de irmos ao campo foram espaços de trabalho de integrantes da comunidade (fábricas de cerâmica e de biscoitos e propriedades que cultivam rosas), ruas de bairros onde residiam, logradouros, praças da zona central da cidade (feira livre de sábado, terminal rodoviário intermunicipal e mercado municipal, entre outros) e centros religiosos.

3. O CONTATO COM HOMENS E MULHERES IMIGRANTES CONCRETOS

Antes de iniciar a descrição do contexto em que se efetuou o trabalho de campo, cabe inferir que um aspecto que marcou todos os dias de atividade investigativa na cidade foi a busca de membros da comunidade haitiana que pudessem colaborar com a pesquisa. Uma questão que sempre aparece na agenda investigativa de qualquer pesquisador, que depende de informações primárias sobre sujeitos socioespaciais para explicar a realidade de determinado fenômeno, é a de onde e como encontrar e abordar esses homens e mulheres concretos.

Antes do contato com membros da comunidade pesquisada, uma primeira experiência de observação relevante ocorreu logo ao chegarmos a Andradas via rodovia MG-455 (sentido Espírito Santo do Pinhal (SP) - Andradas). Chama a atenção do visitante mais atento à paisagem a presença de um arco com um barril de vinho situado na entrada da localidade com a frase *Sejam-vindos a Andradas* e de um prédio novo, situado mais adiante na rodovia, à esquerda desse monumento, onde está instalado o hotel Porto das Asas Park Hotel, inaugurado em fevereiro de 2022.

Uma análise mais acurada desses elementos da paisagem, e de seus significados, poderia revelar uma boa quantidade de interpretações; no entanto, em um primeiro momento já é possível supor que a produção de vinho tem um papel econômico relevante na formação

territorial do município e que a presença desse hotel, e de outros localizados no centro da cidade, revela que Andradas, embora tivesse 55 mil habitantes (IBGE, 2022), exerce uma importante função econômica regional, se considerada a situação da maioria dos municípios brasileiras com contingente populacional semelhante.

A experiência de observação, mas também de interação com residentes de origem local e com imigrantes haitianos, ocorreu em diferentes momentos no espaço público da cidade, ocasião em que o pesquisador buscou encontrar colaboradores para aplicar questionários e realizar entrevistas. Produziu-se cerca de uma dezena de situações potenciais de “descoberta” desses sujeitos, mas serão apresentados apenas alguns momentos dessa busca, ocorridos em dias diferentes.

A primeira situação ocorreu quando o pesquisador se deslocou para a fábrica de louças de banheiro Kohler KB Brasil, multinacional estadunidense que comprou a indústria cerâmica Fiori, localizada na zona rural sudoeste do centro da cidade, na tentativa de identificar possíveis colaboradores no portão de entrada da indústria. A compra da empresa pela multinacional dos Estados Unidos certamente dificultaria o acesso às suas dependências de pessoas que não fossem vendedoras de sua força de trabalho. E, como imaginado, não foi permitida a entrada do pesquisador na fábrica, embora o porteiro da unidade produtiva tenha relatado que o número de trabalhadores e trabalhadoras haitianas diminuiria significativamente nos anos recentes e que naquele momento apenas quatro operários eram de origem caribenha.

Segundo informações do Sindicato dos Ceramistas de Andradas, houve demissão de grande número de empregados da Kohler KB Brasil em 2022, e entre eles havia um número significativo de imigrantes haitianos. Esse evento é apontado pelo sindicato como o principal fator que condicionou a saída de dezenas desses imigrantes da cidade que se dirigiram, principalmente, para o estado de Santa Catarina e para os Estados Unidos. Antes de sair da Kohler, fui informado pelo porteiro que ali trabalhava que havia a possibilidade de encontrar haitianos na Sabor Mineiro, fábrica de biscoitos localizada no entorno de uma das entradas da cidade de Andradas, próxima ao monumento citado acima.

Um segundo contexto de observação e interação ocorreu durante visita a uma outra fábrica de cerâmica antes do início do expediente matutino. Refere-se a visita à Icasa –

Indústria Cerâmica Andradense, situada na periferia oeste do perímetro urbano da localidade. Ao consultar os porteiros da fábrica sobre se tinham conhecimento de que algum assalariado haitiano havia chegado ao serviço naquele turno, informaram-me que não e que apenas três operários do Haiti realizavam atividades laborais ali: uma trabalhadora e dois trabalhadores.

A terceira ocasião se deu ao visitar a unidade de produção de biscoitos Sabor Mineiro, indicada como espaço onde trabalhavam imigrantes pelo porteiro da Kohler. Ao chegar a esse objeto geográfico, também não me foi permitida a entrada nas dependências do prédio, no entanto o porteiro que lá estava foi mais detalhista que o da multinacional estadunidense, informando que ali trabalhava apenas uma empregada haitiana. Disse-me o seu nome (Rose Marie²) e informou que ela sairia do expediente por volta de 17:05; segundo ele, era sempre uma das primeiras funcionárias a sair da fábrica. Como estive na unidade de produção no começo da manhã, o porteiro me sugeriu que voltasse ao final do dia para convidar Rose Marie a colaborar com a pesquisa.

Ao final daquele dia retornei à fábrica de biscoitos na tentativa de conhecer Rose e convidá-la a colaborar com o projeto. Durante o tempo de espera pude conversar com um senhor que, juntamente com outras pessoas, aguardava a saída de familiares da indústria. Ao conversar com esse informante sobre a presença haitiana em Andradas, ele reforçou que esta havia diminuído mais recentemente e que muitos imigrantes se mudaram para os estados do Sul do Brasil. Chamou a atenção do pesquisador a localização de uma capela ao lado da unidade fabril, que, segundo o senhor citado, não recebe mais fiéis e visitantes. Além desse elemento geográfico da paisagem, observou-se o aspecto simples do portão da unidade produtiva e as condições precárias de uma das ruas que dão acesso à fábrica e à igreja.

Após vinte minutos de espera em frente à fábrica, Rose Marie saiu da unidade de produção. Apresentei-me a ela, falei da pesquisa que estava fazendo e perguntei-lhe se poderia responder ao questionário e/ou participar da entrevista; respondeu negativamente, pois estava cansada, e disse que poderíamos agendar um encontro via *WhatsApp* noutro dia e horário previamente combinados, preferencialmente nos finais de semana. Em seguida Rose me pediu carona até sua residência e respondi positivamente ao pedido, pois além de

² Os nomes das colaboradoras e dos colaboradores citados no artigo são fictícios.

possibilitar que o retorno a sua casa fosse menos cansativo, após um dia de trabalho, o pesquisador teria a oportunidade de continuar conversando com ela sobre sua situação de imigrante haitiana em Andradas. O tempo gasto para se deslocar de carro até seu local de moradia foi de aproximadamente dez minutos, tempo que seria de cerca de trinta minutos se ela fosse a pé.

No percurso até sua residência Rose relatou que foi seu marido que migrou primeiro para o Brasil e que cerca de seis meses depois foi a vez dela fazer a travessia até Andradas. Ela reside no Brasil há cerca de três anos, era enfermeira no Haiti e deixou seu país por conta da falta de segurança. Gosta de viver em Andradas, sobretudo, por conta de sua participação numa igreja adventista da cidade, onde ela e o esposo são os únicos haitianos que participam da congregação. Disse ainda que há possibilidade de deixar o Brasil e se dirigir para os Estados Unidos. A espera de Rose na saída da unidade de produção de biscoitos, bem como o contato que tive com ela até deixá-la em casa, foi a quarta oportunidade de pesquisa.

Nesse mesmo dia em que conheci Rose fui em busca de mais colaboradores. Foi essa a quinta situação exploratória, ocorrida no bairro Vila Caracol, que possui ruas mais estreitas e casas menores, se comparadas às do centro da cidade, na tentativa de encontrá-los no espaço público do bairro, que se localiza numa das partes altas da cidade. Fui informado por moradores locais que muitos haitianos e haitianas residiam ali. Numa rua de maior fluxo de pessoas e de automóveis fui informado por um comerciante de que numa casa de dois andares, próxima ao seu estabelecimento, viviam dois grupos de imigrantes haitianos. Continuei por algum tempo nas proximidades desta casa na expectativa de que alguns deles saíssem de lá para que eu pudesse conversar com eles, mas isso não foi possível, pois eles não saíram. Como a casa estava fechada e era um dia de semana pela manhã, imaginei que estivessem trabalhando. A casa mostrada pelo comerciante possuía uma área na frente (no primeiro andar), onde foram identificados uma bicicleta e um varal com roupas estendidas.

A sexta circunstância de observação ocorreu quando fui visitar um terreno na Avenida Benedito Beraldo com o objetivo de conhecer uma plantação de feijão-guandu realizada por membros da comunidade haitiana, noticiada por uma rede de TV local em 2020 (a ANTV). Chegando ao local indicado, não encontrei a plantação, mas apenas o terreno que foi identificado graças aos elementos da paisagem do entorno que apareceram na reportagem,

como a cor das paredes das casas vizinhas ao terreno, as pedras ali dispostas e detalhes da construção que se encontrava atrás do terreno. Em conversa com uma senhora que residia numa casa vizinha ao loteamento, fui informado de que o feijão tinha sido plantado por um haitiano, que morou na casa vizinha à sua com esposa, filhos e um irmão, mas que eles tinham saído do Brasil. A senhora me relatou fatos referentes ao processo de plantio e colheita da leguminosa. Segundo ela, a principal colheita ocorreu num dia de sábado pela manhã, e ali se reuniram outros membros da comunidade haitiana para participar da festa de colheita.

Outros locais onde se buscou encontrar membros da comunidade haitiana foram o Mercado Municipal e o terminal rodoviário intermunicipal, construções que estão situadas num mesmo quarteirão no centro da cidade. Chegando ao terminal de ônibus, encontrei Jeff, haitiano que estava com sua filha Roseline, que acabara de chegar ao Brasil e, com ele, se dirigia à cidade de Poços de Caldas para solicitar o seu número de Cadastro de Pessoas Físicas (CPF). Cerca de uma semana antes ela tinha saído do Haiti e durante esses sete dias esteve viajando até chegar a Andradas. Roseline não fala a língua portuguesa, comunica-se um pouco em francês e possui domínio do crioulo haitiano, ambos idiomas oficiais de seu país de origem. Esse momento se configurou como a sétima experiência de pesquisa, foi útil ao trabalho de campo e possibilitou agendar um encontro com Jeff para aplicar questionário e desenvolver uma entrevista.

A oitava e última situação, a ser citada neste escrito, em que se tentou encontrar colaboradores ocorreu em uma das igrejas católicas numa das praças da cidade. Decidiu-se fazer essa busca na missa de domingo à noite na Igreja Matriz São Sebastião e na praça Luiz Venturelli, onde ela se localiza. Chegou-se ao evento religioso às 19:00, horário de início da celebração. O pesquisador sentou-se na parte de trás do salão para ter uma visão mais ampla da igreja e dos fiéis que ali estavam, buscando identificar religiosos que, pelas características físicas, idioma falado e roupas com que estavam vestidos, mostrassem ser membros da comunidade haitiana em Andradas. Não foi possível identificar nenhum dos presentes com essas características; a maioria se compunha de homens e mulheres aparentemente brancos, havendo poucos religiosos com características fenotípicas de pessoas pardas e pretas.

Ao final da missa, dirigi-me a um ponto mais próximo do santuário na tentativa de conversar com integrantes do grupo que dirigira a celebração; antes, porém, esperou-se que

parte dos membros saísse do santuário para que se pudesse ter um maior tempo de conversa com os potenciais colaboradores. Consegui falar com uma senhora, que se prontificou a indicar alguém que me pudesse auxiliar na busca dos imigrantes haitianos. A colaboradora indicada, envolvida com o trabalho da igreja, sugeriu-me procurar o órgão vinculado à prefeitura da cidade, cuja função era fornecer informações turísticas. Acrescentou que a igreja havia acolhido venezuelanos, mas haitianos não, pois eram evangélicos³.

Por fim, um dos locais mais potencializados para uso dos instrumentos de pesquisa com integrantes da comunidade haitiana foi o espaço sagrado, por eles organizado, denominado *Igreja Elim Cristão Haitiano*, onde foi possível aplicar questionário e realizar entrevista. Combinei previamente com um dos membros da congregação, que conheci na feira livre de sábado, que lá chegaria antes do término do culto, que ocorreria por volta das 11:35 de um domingo. A igreja fica no primeiro andar de um sobrado situado na rua Milton Sebastião Barbosa, 222 (na Vila Maganhoto), e quando lá cheguei a atividade religiosa não tinha terminado, o que me fez aproveitar a oportunidade para estabelecer conversa com um senhor sentado na calçada do outro lado da rua, em frente à igreja.

Ao cumprimentá-lo e obter sua resposta, identifiquei, pelo sotaque, que ele não era brasileiro. Perguntei-lhe de que país viera, respondeu que era haitiano, nascido em Porto Príncipe (Pòtoprens), e que vivia há cinco anos em Andradas (MG), sem a companhia de familiares ou parentes. Enquanto continuava a conversa com Gerald, que me disse que seus pais não nasceram em Porto Príncipe, mas numa cidade situada a oeste da capital, Léogâne (Leyogàn). Identifiquei então que os participantes do culto começavam a sair do templo; os três primeiros foram homens e cumprimentaram Gerald, a quem agradei a conversa, e me dirigi ao templo.

À medida que me aproximava das escadas que dão acesso ao salão de culto, mais imigrantes haitianos desciam as escadas. Eram adultos e crianças, homens e mulheres cuja maioria (os adultos) aparentava ter entre trinta e quarenta anos, todos vestidos com roupas que

³ Ao sair da igreja visitei a praça localizada a sua frente, percorreu todos os caminhos nela existentes e sentou-se num dos bancos observando com atenção a paisagem objetivando identificar um potencial colaborador de pesquisa. Mais uma vez procurou-se identificar frequentadores da praça com características comuns aos membros da comunidade haitiana em Andradas: língua falada, vestimentas e fenótipo, mas não foram identificados.

os identificavam como religiosos pentecostais e que demonstraram simpatia e alegria ao me encontrar na entrada do salão. Nesse momento o pesquisador teve a sensação de que não estava no Brasil. Naquela situação estava envolto por homens e mulheres pretas que se expressavam num idioma ou língua bem diferente da língua portuguesa.

Ao chegar à área onde o culto foi realizado, observei que havia um grupo de mulheres e algumas crianças que rodeavam uma mesa situada próximo à chegada do salão; estavam conversando e tomando um lanche (bolo e algum tipo de suco). Em seguida me acomodei numa cadeira que estava numa das extremidades da sala, enquanto do outro lado observei que Baptiste, o colaborador que conheci na feira, estava conversando com uma das mulheres integrantes da igreja. Após finalizar a conversa, dirigi-me a ele, cumprimentei-o e em seguida comecei a realizar a entrevista.

Agradei-lhe por ter atendido ao convite, apresentei-lhe brevemente o projeto que sustentava aquela conversa e perguntei se queria que eu lesse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou se ele mesmo preferia lê-lo. Decidiu por ler, e a leitura foi realizada em quatro minutos. Feita a leitura, perguntou-se a Baptiste se ele aceitaria participar da entrevista e ele respondeu que possivelmente sim, embora se tenha identificado nele certo desconforto causado pela preocupação de não conseguir responder às perguntas que lhe seriam feitas. Mais uma vez foi reafirmado que, se ele não soubesse ou não se sentisse à vontade para responder às questões, poderia manifestar-se a respeito ou mesmo desistir de continuar a entrevista.

A conversa com Baptiste durou cerca de 45 minutos e ao finalizá-la nos abraçamos, momento em que o pesquisador estava tomado de emoção pela experiência vivida. Em seguida foi tirada uma foto num ponto da sala sugerido pelo entrevistado; trata-se de um local situado na parte inferior do salão e posicionado entre as bandeiras do Brasil e do Haiti, afixadas uma ao lado da outra na parede do fundo do salão. Na etapa final da conversa, Baptiste mencionou que na bandeira do Haiti há uma frase que evoca a força como produto da união. Finalmente nos despedimos, e ao me dirigir à porta de saída notei que o entrevistado e seu primo começaram a arrumar as cadeiras que estavam dispersas no salão. Imaginei que precisavam estar arrumadas para o encontro da tarde, agendado para as 15 horas.

Por fim, cabe ressaltar que um segundo momento de destaque no trabalho de campo foi a aplicação de questionário e a realização de entrevista com um segundo haitiano residente em Andradas, realizada no hotel onde o pesquisador se hospedou. Esse encontro ocorreu no turno vespertino do mesmo dia da entrevista produzida com Baptiste. Essa conversa durou um pouco mais, cerca de uma hora, e foi muito esclarecedora. O entrevistado, bastante detalhista em suas respostas, forneceu informações relevantes sobre o que pensa acerca dos imigrantes, como devem se organizar ao chegar a outro país, sobre a necessidade de auxiliar a quem precisa, demonstrando senso de coletivismo com os integrantes da comunidade, o que fez de sua participação uma experiência bastante esclarecedora.

4. ANÁLISE INICIAL SOBRE A PRESENÇA HAITIANA NA CIDADE DE ANDRADAS

A cidade de Andradas tem se configurado nos últimos dez anos como importante nó de uma rede migratória haitiana internacional que vem mantendo interações com localidades situadas em diferentes países americanos, com destaque para o Haiti, a República Dominicana, os Estados Unidos e muitas cidades latino-americanas e brasileiras. O trabalho de campo revelou que antes da pandemia da Covid 19 havia na cidade cerca de quatrocentos imigrantes haitianos, número que não chega a duzentos estrangeiros em 2023. Essa diminuição tão significativa do número de caribenhos pode ser explicada, entre outros fatores, pelo menos por dois grupos de circunstâncias: as produzidas localmente e as originadas em outras formações socioespaciais.

No primeiro caso, cita-se a impossibilidade de manutenção da contratação de muitos desses imigrantes nas unidades de produção em função da referida pandemia, bem como por mudanças ocorridas em uma das mais importantes fábricas de cerâmica do município após a sua compra por uma multinacional estadunidense. No segundo, podem ser apontadas as dinâmicas econômicas ocorridas nos países do centro do capitalismo, como nos Estados Unidos, a título de exemplo, que mesmo com sua economia em crise ainda continua sendo o país de destino mais atraente para o Brasil, a República Dominicana e outros países latino-americanos.

O fenômeno migratório produzido pelos haitianos no período do meio técnico-científico-informacional é parte da totalidade migratória global impulsionada por eventos políticos, culturais, ambientais e econômicas, sendo que estes últimos se vinculam à estrutura desigual e combinada do modo de produção capitalista (Bomtempo, 2019). Soma-se a esses fatores a cultura migratória que marca a formação da sociedade haitiana, alimentada continuamente pelo desejo de mobilidade espacial de sua população para diferentes partes do mundo.

Seja por um motivo ou por outro, o fato é que Andradas tem perdido sua capacidade de atração e de manutenção de migrantes haitianos. Essa diminuição ocorre ao mesmo tempo que os que ali permanecem são empurrados para atividades que se inserem no circuito inferior (CI) da economia urbana. É provável que alguns desses estrangeiros que permaneceram já estavam inseridos em atividades desse circuito ou do circuito superior marginal antes da pandemia, como no caso de Rose, que continua trabalhando numa unidade fabril que, pelas suas características (instalação mais simples, menor produção e menor número de trabalhadores), se insere no CI. Santos (1979), ao elaborar a teoria dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos, já havia concluído que parte da população que alimenta o CI e dele faz parte é de migrantes.

Mesmo com a diminuição dos membros da comunidade haitiana em Andradas, os que ali permanecem continuam a usar o território da cidade buscando manter sua inserção laboral, social e cultural na sociedade local. Uma das formas de uso mais genuína desse grupo na localidade é a manutenção dos cultos na igreja por eles criados, acima citada. Esse lugar de encontro pode ser visto como um objeto e um conjunto de ações que reproduzem as vivências outrora desenvolvidas no Haiti. A língua utilizada (manutenção do crioulo como língua dos cultos), as vestimentas e os corpos por elas cobertos, bem como a presença da bandeira daquele país, são elementos que buscam manter o conteúdo das ações desenvolvidas por eles desde que saíram de seu país de origem. Segundo Haesbaert (1995), a globalização contemporânea possibilita o movimento de homens e mulheres de culturas diferentes no espaço, processo esse que os faz reativar suas identidades como maneira de resistência à mercantilização e ao consumismo.

Além dos motivos apontados, acredita-se que a resistência se dá também pela necessidade de manutenção dos valores e crenças trazidos de suas sociedades de origem. Se houve uma desterritorialização porque houve mudança de um país para outro, embora estejam hoje entrelaçados com novas redes no Brasil (principalmente as estabelecidas em contato com brasileiros e brasileiras em espaços laborais), não houve uma ruptura por completo da maneira como usavam o território no Haiti, considerando-se mormente os espaços sagrados e residenciais. Acredita-se que houve um processo de desterritorialização em relação a determinado grupo de práticas, mas não em relação a outras, embora os objetos geográficos que as hospedam no Brasil sejam diferentes.

A não identificação de imigrantes na missa ou na praça central da cidade na noite de domingo revela que esses espaços, pelo menos no período da noite, não são por eles utilizados. Há, nessa fração do espaço público andradense, construções residenciais e comerciais cujo uso noturno do território parece ser seletivo. Desse modo, é provável que os integrantes da comunidade de imigrantes em estudo não se sintam confortáveis cultural e financeiramente para ali se instalarem temporariamente nas noites de domingo.

Outro aspecto conhecido sobre a situação dos haitianos em Andradas durante a realização do trabalho de campo é a concepção que a população local tem da comunidade. A percepção dos moradores locais é a de que os membros da comunidade haitiana trabalham nas fábricas de biscoito e na fabricação de louças. Ou seja, os haitianos são vinculados ao trabalho pesado e à mobilidade. De fato, há registro de que, nos primeiros anos da presença dos haitianos em Andradas, parte considerável deles vendia sua força de trabalho aos proprietários das fábricas acima citadas. No entanto, foi constatado, durante a visita técnica, que menos de dez integrantes dessa comunidade exercem atividade remunerada nesses espaços laborais.

De maneira geral, as situações vivenciadas no trabalho de campo revelaram que a migração de haitianos e haitianas para Andradas se deu por etapas. Os homens casados migraram primeiro, depois suas esposas e em seguida seus filhos e filhas. Quanto ao local de moradia na cidade, verificou-se que há uma concentração em pelo menos dois bairros da localidade. Além da igreja por eles criada, identificaram-se também outras práticas de organização da comunidade, como a criação da Associação de Haitianos em Andradas, a realização de festas do Dias das Mães e a colheita do feijão-guandu.

Se o território, como escreveu Santos (1999), é um espaço em mudanças, um espaço em processo de reelaboração que possui forma e conteúdo, constituindo o quadro de vidas de todas as pessoas em diferentes escalas e constituindo um traço de união entre passado e futuro, a presença haitiana na cidade de Andradas movimenta esse território, tem conteúdos e formas particulares e é um quadro de vida alternativo onde os haitianos resistem. Por isso, também, ao lado da ação global de grandes corporações nascem *políticas pequenas* que são capazes de criar resistências menores, mas também importantes, onde “territórios alternativos” buscam estabelecer sua própria ordem (Haesbaert, 2006) na condição de homens (e mulheres) lentos (Santos, 2017).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de trabalho de campo no estudo migratório tem crescido consideravelmente nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas nas últimas décadas. Na Geografia essa prática também reflete esse crescimento, mostrando que não há dúvida de que a pesquisa de campo em si (a observação, a aplicação de questionário, a realização de entrevista e grupo focal, por exemplo) tem sido cada vez mais necessária para o conhecimento empírico do fenômeno estudado. O contexto no qual ele se realiza e as situações vividas antes de sua execução *stricto sensu* podem ser bastante úteis na aquisição de informações acerca do objeto estudado.

O contexto no qual a prática de campo se deu foi bastante valioso para a aquisição de parte do conhecimento sobre a presença haitiana em Andradas apresentado neste escrito. Não há dúvida de que as informações adquiridas são insuficientes, de uma forma geral, para o conhecimento profundo do objeto de estudo, havendo necessidade de acrescentar os conhecimentos adquiridos no trabalho de campo em si.

A experiência relatada mostrou que o fenômeno haitiano em Andradas tem passado por mudanças significativas, sobretudo em função da diminuição do contingente desses imigrantes como decorrências econômicas de estruturas locais em nível nacional e global. Os haitianos e as haitianas que de Andradas partiram, em busca da cidadania em outros cantos são parte de eventos passados registrados na memória dos que ficaram e da população como um todo. Os que ali permaneceram continuam usando o território da cidade de forma

segregada, mas resistente, buscando e apontando caminhos para a construção de um novo mundo.

6. REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P. R. R. & ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? In: **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 84, 2006.

BOMTEMPO, D. C. D. MIGRAÇÃO INTERNACIONAL, ECONOMIA URBANA E TERRITORIALIDADES: INTERNATIONAL MIGRATION, URBAN ECONOMY AND TERRITORIALITIES. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 39, p. 1–26, 2019. DOI: 10.5216/bgg.v39i0.55885. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/55885>. Acesso em: 4 ago. 2024.

FREITAS, J. V. DE. Migração internacional e território: contribuição inicial sobre a presença haitiana em Andradas (MG). **Trabalho de Conclusão de Curso**. Geografia Bacharelado. Universidade Federal de Alfenas – Unifal-MG, Alfenas (MG), 2021. Disponível em: https://www.unifal-mg.edu.br/geografia/wp-content/uploads/sites/141/2022/04/Joao_Freitas.pdf. Acesso em 16 de Jul. de 2024.

FREITAS, J. V. DE; PORTO, G. C. S. QUALIDADE DE VIDA E USO DO TERRITÓRIO POR IMIGRANTES HAITIANOS NO MUNICÍPIO DE ANDRADAS (MG). **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Seção Três Lagoas, v. 1, n. 34, p. 415-438, 24 dez. 2021.

HAESBAERT, R. Desterritorialização: Entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E.; CORRÊA, R. L.; GOMES, P. C. DA (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

KAYSER, B. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n. 84, jul. 2006.

PORTO, G. C. S. Trajetórias socioespaciais de imigrantes internacionais no Brasil no período atual. **Anais do XIV ENANPEGE...** Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78886> . Acesso em: 16/07/2024.

_____. Os/As migrantes e o período demográfico da história. Unifal-MG. Artigo. Dia do Imigrante. **Universidade Federal de Alfenas – Unifal-MG**, Alfenas, MG, 2024. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/portal/2024/06/25/os-as-migrantes-e-o-periodo-demografico-da-historia/> . Acesso em 16/07/2024.

RIBEIRO, M. A. O projeto de pesquisa a partir da rede urbana da Amazônia. In: MARAFON, G. J.; RAMIRES, J. C. L.; RIBEIRO, M. A.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/10.7476/9788575114438.9> >. Acesso em 02/08/2024.

SANTOS, M. **O espaço dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

_____. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, vol. XIII, no 2, Rio de Janeiro, 1999.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 2017.

SILVA, J. M., MENDES, E. P. P. Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. In: MARAFON, G. J.; RAMIRES, J. C. L.; RIBEIRO, M. A.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/10.7476/9788575114438.15> >. Acesso em 02/08/2024.

SERPA, A. O trabalho de campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica. In: **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 84, 2006.

SOUZA, M. M. O., & PESSÔA, V. L. S. O trabalho de campo em geografia: por uma perspectiva participante de investigação científica. In: MARAFON, G. J.; RAMIRES, J. C. L.; RIBEIRO, M. A.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/10.7476/9788575114438.13> >. Acesso em 02/08/2024.